

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**O DISCURSO JORNALÍSTICO NO PROGRAMA POLICIAL:
Estudo de caso em emissora alagoana**

Maceió – AL
2016

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Josivânia Maria de Almeida
José Sousa Amaral

**O DISCURSO JORNALÍSTICO NO PROGRAMA POLICIAL:
Estudo de caso em emissora alagoana**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao curso de Licenciatura em Letras, do
Instituto Federal de Alagoas, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rossana Viana Gaia

Maceió – AL
2016

Catálogo na fonte:
(Biblioteca Benevides Monte – Campus Maceió-IFAL)

A447d

Almeida, Josivânia Maria de.

O discurso jornalístico no programa policial : estudo de caso em emissora alagoana / José Souza Amaral, Josivânia Maria de Almeida. – Maceió : IFAL, 2016.

38 p. : il.

Orientadora: Prof. Dr^a Rossana Viana Gaia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas -IFAL, 2016)

1. Discurso jornalístico - análise. 2. Programa policial – emissora alagoana – análise de discurso. 3. I. Amaral, José souza.

II. Título.

CDD 410

Josivânia Maria de Almeida
José Sousa Amaral

**O DISCURSO JORNALÍSTICO NO PROGRAMA POLICIAL:
Estudo de caso em emissora alagoana**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da Prof^a Dr^a Rossana Viana Gaia

Aprovado em: / / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra Rossana Viana Gaia (IFAL)

Prof^a Dr^a Cleusa Salvina Ramos Maurício Barbosa (IFAL)

Prof. MSc Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa (IFAL)

Dedicamos esse trabalho às nossas famílias.

Agradecemos

Aos professores, pelos ensinamentos, e a todos os colegas de turma do IFAL, pela amizade. Ao governo federal pela implantação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) - que nos proporcionou a experiência acadêmica de publicação de artigos e apresentação de trabalhos científicos em outras instituições.

RESUMO

Esse estudo identificou os programas policiais na rede de televisão alagoana e a questão da violência. Analisaram-se aspectos de valência positiva ou negativa sobre os direitos humanos de pessoas indicadas como acusadas nos programas policiais. Para isto, a metodologia incluiu análise dos discursos noticiosos dos apresentadores e dos repórteres no período de agosto de 2015 a abril de 2016. O objetivo geral foi identificar aspectos dos discursos emitidos ou silenciados nessas materialidades discursivas. Para isto foram verificados aspectos narrativos a partir da seleção semântica e o posicionamento dos sujeitos acusados de cometimento de supostos delitos ou crimes. A base teórica foi a Análise de Discurso francesa com base em Pêcheux e a metodologia incluiu além das pesquisas bibliográficas, investigações das matérias veiculadas em site oficial da empresa de televisão, compilação e análise dos dados. Identificou-se que os discursos são reveladores de violações dos direitos humanos.

Palavras-chave: discurso, televisão, violência.

ABSTRACT

This study identified police programs in Alagoas television network and the the violence theme. It was analyzed positive or negative valence' aspects on the human rights of persons named as accused in police programs. For this, the methodology included analysis of news discourses of presenters and reporters in the period from August 2015 to April 2016. The overall objective was to identify aspects of issued speeches or silenced in these discursive materiality. To this there was checked narrative aspects from the semantic selection and placement of individuals accused of committing crimes or alleged crimes. The theoretical basis was the French Discourse Analysis based on Pêcheux and methodology included in addition to the bibliographical research, investigations of articles published in the official television company website, compilation and analysis of data. It was identified that the discourses revealing human rights violations.

Keywords: discourse, television, violence.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais comunicadores-políticos de Alagoas	18
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA TV NO BRASIL E EM ALAGOAS	12
2.1 Os programas policiais em Alagoas	17
2.2 Os comunicadores alagoanos no telejornal policial	17
3. A VIOLÊNCIA DOS PROGRAMAS POLICIAIS	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Entende-se discurso, neste estudo, pela ótica pècheuxtiana, ou seja, é identificado a partir de materialidades lingüísticas que, por sua própria natureza, apresentam ideologias e indicam multiplicidade de sentidos. No entanto, destaque-se que, nesta perspectiva, não se indica “qualquer sentido, pois eles não se dão no vácuo, mas são construídos historicamente pelas práticas dos sujeitos” (PIMENTEL, 2015, p. 13). Da mesma forma, os silêncios integram os repertórios dos sujeitos históricos e constituem censuras e vetos (GAIA, 2011).

No Brasil, a televisão ocupa espaço relevante no processo de construção simbólica da população, sendo importante a reflexão acerca dos discursos que são veiculados, sobretudo quando contrariam a dignidade humana.

A história dos direitos humanos no Brasil é recente e remonta às primeiras organizações de grupos antitortura, no período dos governos militares [1964-1985]. Nesta época, a principal rede de televisão, a Globo, firmou acordo com os Estados Unidos e veiculou discursos informativos que, por sua vez, legitimavam o discurso dos governos militares e silenciavam sobre a rede de violência (LEAL FILHO, 2004; BIROLI, 2009).

Desde o seu período fundante, a televisão internacional e, também, a brasileira, mantém vínculos com grupos empresariais e governamentais transnacionais que articulam seus conteúdos e garantem sua sustentabilidade através de publicidade, o que resulta uma multiplicidade de sentidos. Com o processo de democratização no País, a prática publicitária com vínculos ideológicos definidos é uma questão igualmente de relevo.

Pode-se verificar um primeiro momento emblemático: o retorno dos exilados políticos, dentre os quais, revela-se como acontecimento discursivo deste período a vinda de Herbert de Souza ao Brasil – Betinho, sociólogo e irmão do cartunista Henfil, por sua vez o principal articulista do jornal alternativo “O Pasquim”, que veiculava matérias jornalísticas com discursos contrários ao regime militar. O registro consta na composição da música “O bêbado e o equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, que ganhou visibilidade na voz de Elis Regina, na qual cantava o sonho de uma parte dos brasileiros “com a volta [do exílio] do irmão do Henfil”.

O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, foi o criador da Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida, por meio do combate à fome – direito elementar à vida

humana. O movimento foi lançado em 1993 e o objetivo foi mobilizar cidadãos pelo direito à vida. O foco sobre essa questão indica uma relativa civilidade midiática, mas com a morte do Betinho, em 9 de agosto de 1997, a discussão foi interrompida e mesmo durante sua atuação, o governo indicou dados sobre produção de alimentos, mas silenciou sobre questões essenciais como distribuição de renda e reforma agrária (VASCONCELOS, 2004).

Um segundo acontecimento discursivo que também integra as condições de produção amplas deste discurso, situados na Formação Discursiva Criminosa foi a instauração da Comissão Nacional da Verdade, cuja lei foi sancionada em novembro de 2011 e a posse dos membros ocorreu em 16 de maio 2012. Que verdade é esta e a que se propõe a comissão? Segundo registra Canabarro (2014, p. 216) foi “uma tentativa de recuperar a memória daqueles atingidos pelos processos de violação dos direitos humanos”, no período de 1964 a 1988, no Brasil.

No entanto, conforme critica Canabarro (2014), o prazo de dois anos para levantamento dos dados foi considerado mínimo quando comparado ao período de análise, sendo, portanto um comprometimento da eficácia da ação proposta. Na cerimônia de posse, a presidente Dilma Rousseff nomeou Cláudio Fonteles, Gilson Dipp, José Carlos Dias, João Paulo Cavalcanti Filho, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro e Rosa Maria Cardoso. No relatório final, dividido em três volumes e entregue à presidente em 10 de dezembro de 2014, consta que houve grandes violações dos direitos humanos e 29 recomendações com listagem dos nomes de 377 pessoas apontadas como responsáveis por crimes.

O documento atua em dois planos discursivos centrais: retoma o passado pelo período da Ditadura Militar [1964-1985] com o registro do documento Tortura Nunca Mais que lista pessoas mortas e torturadas (física e psicologicamente), com texto elaborado por Dom Paulo Evaristo Arns e equipe, bem como indica os problemas presentes dos presídios com superlotação e descumprimento dos direitos humanos (CNV, dez.2014).

Neste trabalho de conclusão de curso, observa-se que a questão do desrespeito aos direitos humanos está presente também no próprio processo de construção da notícia veiculada na TV alagoana investigada. Os termos de tratamento utilizados pelos repórteres no momento de entrevistar pretensos acusados foram identificados com uma carga semântica que os desqualificam

perante a audiência e violam direitos no campo da comunicação de massa (VARJÃO, 2015).

Diante do exposto, este trabalho refletiu sobre a seguinte questão: Qual o respeito/desrespeito identificado nos discursos que identificam acusados no programa policial analisado?

A existência de um programa depende de audiência, mas na mesma proporção de patrocínios. Os programas policiais em Alagoas são financiados com anúncios publicitários de áreas diversas: alimentos, tecidos, eletrônicos, políticos etc. Sua difusão se ampliou por meio de redes sociais como Facebook e aplicativos como what's app (com os amigos dos programas) e, também, pela sua própria essência sensacionalista, o que contribui para não explicar nem indicar parâmetros acerca das condições sócio-históricas, o que resulta na ampliação da violência simbólica na sociedade alagoana.

Nesse tipo de construção de notícia, o discurso sobre violência passou a ser naturalizado. Os objetivos específicos sinalizam a seguinte estratégia de pesquisa: (i) Identificar os discursos utilizados pelos jornalistas ao entrevistar ou mostrar os sujeitos acusados de cometimento de supostos delitos ou crimes; (ii) sistematizar os discursos que circulam nas entrevistas com base no campo semântico.

Esta pesquisa utilizou a seguinte metodologia: (i) pesquisa bibliográfica e levantamento na Internet sobre bibliografia acerca de televisão e discurso, com foco na cidadania, (ii) observação e gravação de edições de um programa televisivo local disponível on-line e (iii) estudos sobre as condições de produção amplas e restritas acerca do telejornalismo policial em Alagoas.

O trabalho apresenta-se em quatro seções, nas quais se destacam a trajetória dos programas policiais na TV alagoana, com base nos relatos da história dos telejornais policiais locais; com base na teoria do discurso, também se analisou a violência em um programa policial local. A análise incluiu destaque semântico a palavras elencadas pelo sujeito do discurso [neste estudo, os comunicadores que representam o programa policial e os detidos entrevistados]. Destaque-se a posição de inferioridade dos entrevistados: em geral algemados diante de uma autoridade policial e subjugados à opinião pública. Foram identificadas estratégias de espetacularização da notícia, cujos sentidos se propagam em diferentes vias.

2. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA TV NO BRASIL E EM ALAGOAS

Nesta seção identificaram-se as conexões entre as emissoras de rádio e programas de TV e discorreu-se sobre a TV alagoana com foco nos programas policiais. Verificou-se uma conexão entre programas policiais e política, seja no conteúdo, seja na visibilidade de apresentadores que se candidatam a cargos políticos. Foram verificados os programas policiais, tendo como parte da análise, as mudanças ocorridas nesses espaços, ao longo do tempo.

Antes de analisar o discurso de um programa policial na TV alagoana, foram identificadas as emissoras radiofônicas e suas condições de produção restritas em Alagoas, uma vez que é a partir destas a evolução técnica possibilitou outro formato, capaz de captar não só o som, como também a imagem e com ela as expressões das pessoas, algo essencial na espetacularização da notícia.

Em se tratando da transmissão da frequência do rádio, cuja inauguração no Brasil remonta a 6 de abril de 1919, em Recife, quando foi ao ar a Rádio Clube de Pernambuco, também é notável a evolução da qualidade do som (ORTRIWANO, 2003). Em Alagoas, a Rádio Difusora ocupou essa cena pioneira do ponto de vista de estrutura técnica, em 1948 (SANTOS; NORMANDE, 2009; GAIA, 2005). Destaque-se, entretanto, que a tentativa de captar a imagem remonta ao século XIX, quando em 1817,

o químico sueco Jacob Berzelius descobriu o selênio, mas foi só em 1873 que o inglês Willoughby Smith comprovou que o selênio podia transformar energia luminosa em elétrica, podendo assim, transmitir imagens por meio de corrente elétrica. Em 1892, Julius Elster e Hans Getiel inventaram a célula fotoelétrica. Em 1906, Arbwehnelt desenvolveu um sistema de televisão por raios catódicos. (CLEMENTE, 2009, p. 13).

Porém, naquela época inaugural, as expressões não eram tão nítidas quanto as possíveis de se captar nas transmissões atuais. Localmente, a TV Gazeta de Alagoas foi pioneira em tecnologia e sempre foi uma afiliada da Rede Globo, por conta dos vínculos entre o seu fundador Arnon de Mello e Roberto Marinho. Arnon de Mello foi jornalista, 14º governador alagoano e senador (GAIA; LOPES, 2005).

No governo de Kubistscheck [1956-1961] as emissoras de TV foram instaladas no país, pois segundo Clemente (2009, p. 47) ele “foi o grande

incentivador do veículo e do incitamento do empresariado e, com isso, [houve] uma investida maciça de verbas publicitárias”. Porém, a maior parte da população não tinha poder aquisitivo para comprar o aparelho de transmissão. Como o telespectador é fundamental para garantir a evolução deste negócio, assumiram o envio de “presentes” (BIROLI, 2009, p. 50-51):

Quando a primeira televisão foi ao ar, centenas dos telespectadores assistiam através de aparelhos presenteados dos proprietários das emissoras; é claro que os contemplados faziam parte da elite econômica, política ou cultural do país.

Essa decisão definiu os sujeitos público-alvo desse veículo no seu primeiro momento, mas para sustentar o propósito de sua programação, a dinâmica televisiva requer amplitude e massividade. De qualquer modo, os tipos de discursos expressos nas primeiras programações e os tipos de discursos apresentados atualmente diferem a partir da própria gênese da TV no Brasil.

Sodré (1983, p. 63) detalhou a complexidade do processo de comunicação na televisão quando destacou a importância de comunicação fluida e acessível ao código linguístico da maioria da população, ou seja, “a mensagem só seria decodificada ou aceita pela parte do público que conhecesse o código do comunicador, ou seja, que participasse da mesma estrutura cultural”.

Nesse sentido, a estética televisiva é algo mensurável a partir dos níveis de maior ou menor audiência e isso inclui atenção aos “desejos do público”. No estudo de Sodré, um recorte realizado no período de 18 a 24 de março de 1969 indicou que a televisão carioca priorizava discursos que retomavam abordagens distintas como violência e valores tradicionais relativos à infância. Nos dados daquela pesquisa, indicava-se como meta “atrair o telespectador médio”, um argumento validado até os tempos atuais.

Essa lógica do apelo pela atenção do telespectador a partir do consumo exacerbado de coisas e de violência simbólica é o que tem servido de argumento para difusão de uma prática apelativa da estrutura de informação. A acumulação de bens, conforme destaca Piozevani Filho (2003, p. 51) é que garante oferta de serviços pautados na efemeridade: “Em detrimento da ética, aflora a estética capitalizada, a era é a da imagem, do parecer e do aparecer”.

No caso específico da venda de produtos violentos no noticiário, verifica-se que a partir de 1979, essa estética se anuncia no programa “Aqui e agora”, na extinta TV Tupi, sob direção de Wilton Franco. O programa era diário no horário das 12:00 às 18:00, considerado uma “maratona televisiva” (WIKIPÉDIA; SANTOS, 2006) e recebeu rótulos como: sensacionalista, oportunista, tradutor do mundo-cão, pátio dos milagres. Para os seus organizadores, a denominação era outra: prestação de serviços ou utilidade pública. Esses discursos revelam os desdobramentos de sentidos a partir de uma única fonte.

A partir de 1980, parte da equipe sai da Tupi e migra para a TVS dividindo-se em dois programas com o mesmo perfil: “O povo na TV” (de segunda a sexta-feira das 16:00 às 18:00) e “Nosso Domingo” (apresentado aos domingos das 20:00 às 23:00), “ambos seguindo a mesma estrutura do original ‘Aqui e agora’”(WIKIPÉDIA; SANTOS, 2006).

Os repórteres desempenham personagens importantes da narrativa policial, sendo alguns considerados emblemáticos como Wagner Montes que atualmente atua no campo político e na época se autodenominava “chicote do povo”. Pereira; Miranda (1983, p. 93 apud WIKIPÉDIA; SANTOS, 2006) destacam a preocupação de Montes, considerado também como “o galã da Baixada Fluminense”, em reproduzir no seu discurso jargões policiais e populares, o que terminava por naturalizar a violência. Esse mesmo padrão verifica-se até os dias de hoje, nos programas policiais alagoanos.

2.1 Os programas policiais em Alagoas

A TV Alagoas (que transmite atualmente a programação do Sistema Brasileiro de Televisão, SBT e anteriormente vinculava-se à extinta Rede Manchete) sediada em Maceió/AL, pertence à família Sampaio e tem como fundador o ex-vice-governador do estado de Alagoas Geraldo Sampaio. Desde o início da sua criação, os conteúdos locais estão vinculados ao campo político.

Em 2014, Cândido Pinheiro, proprietário do Grupo Hapvida, comprou 58% das ações da emissora, tornando-se sócio majoritário. Segundo Galvão (2015) o “dono da TV ponta negra, grupo hapvida negocia compra de todas as TVs, jornais

e rádios dos Diários Associados do Nordeste”. Esse grupo é formado por alguns acionistas que atuam no ramo das comunicações desde 2014¹.

A emissora entrou no ar em 30 de janeiro de 1982, como afiliada do SBT. Em sua programação local, uma de suas principais atrações era *A Vez do Povo na TV*, programa que se denomina “de cunho social”, baseado em *O Povo na TV*, que era exibido pelo SBT. A afiliação com a rede existiu até 1986, quando a emissora tornou-se afiliada à Rede Manchete (WIKIPÉDIA).

Como afiliada da Rede Manchete [1986-1996], a TV Alagoas ampliou a sua programação. O programa *A Vez do Povo na TV*, apresentado pelo radialista Sabino Romariz [1940-2005], continuava fazendo parte da grade da emissora e ficou no ar até 1989. Outros programas como *Pell Marques Show*, *Jornal da Praia na TV*, *Cadeia* e *Boletim de Ocorrência* integraram a programação local. Em 1994, entrou no ar o *Plantão de Polícia*, das 14h às 15h (WIKIPÉDIA).

Outro programa diário da TV ALAGOAS, *Alagoas na TV*, se destacava pelo tempo que ficava no ar ao vivo, das 8h às 14h, e por sua agilidade em informar os fatos do dia. Era apresentado pelo jornalista Bartolomeu Dresch e tinha como repórteres Gilvan Nunes, Liara Nogueira, Claudia Lins e Marcelo Mendes. O programa permaneceu no ar entre 1995 a 1996 (WIKIPÉDIA).

A partir de maio de 1995, entrou na programação o jornalístico *Plantão Alagoas*, que era apresentado pelo radialista Oscar de Melo, eleito vereador de Maceió para o mandato 2011 a 2014 pelo Partido Progressista (PP). O programa permanece no ar até hoje, sob apresentação do radialista Siqueira Júnior e é considerado o programa local mais antigo de Alagoas. Na página do FaceBook foram identificadas 39.212 “curtidas” que significam acessos e visibilidade aos seus conteúdos. Já Oscar de Melo foi para a TV Pajuçara, após término do mandato, onde atua no programa *Cidade Alerta* (TNH1).

¹ Em Alagoas, não há registros nos sites oficiais das empresas sobre a memória da programação, nem tampouco sobre dirigentes e equipes. Além disso, há poucas produções científicas sobre televisão em Alagoas disponíveis em redes científicas, restringindo-se assim, parte desses dados, à Wikipédia. Na análise de dados sobre fundação e proprietários, por exemplo, o site mostrou-se como único a conter alguns registros específicos.

Em 1996, a TV Alagoas sai da Rede Manchete, que apresentava os primeiros sinais da perda de audiência e da crise que a levaria à extinção em 1999, afiliando-se à CNT, no período de 1996 a 1999. Neste período amplia a ênfase à programação local. Neste período, foi implantado o programa Alagoas Verdade, apresentado pelo radialista Jeferson Moraes e tinha características similares ao Alagoas na TV. O programa foi extinto em 1999, mas o apresentador seguiu carreira política assumindo mandato de deputado estadual de 2010 a 2014, sem garantir reeleição (WIKIPÉDIA).

Em 1999, a TV ALAGOAS desvinculou-se da CNT, que também enfrentava crise, perda de audiência e afiliadas e passou a integrar Rede Bandeirante [no período de 1999 a 2007]. Com a nova afiliação, a programação da emissora e alguns programas foram extintos, mas outros como o *Plantão de Polícia* que desde 1994 ia ao ar diariamente das 14h às 15h, passou a ter 1 hora e 30 minutos a mais e se consolidou na área de informações sobre violência.

Em 2004, o Plantão de Polícia foi novamente reformulado e passou a apresentar noticiais policiais e informações mais generalizadas sobre Alagoas. Em 2006, o noticiário foi renomeado Plantão Alagoas e passou a dar mais enfoque ao jornalismo de notícias gerais, mas sem perder o vínculo com sua origem de programa mais popular. No período, o programa foi apresentado por Oscar de Melo e passou a contar com as participações dos radialistas Siqueira Júnior, Batista Filho e Alberto Lima.

A instabilidade da programação é frequente na história da TV Alagoas. Após cerca de oito anos com o sinal da Rede Bandeirantes, a TV voltou a transmitir o sinal do SBT no dia 12 de fevereiro de 2007 até 2009. Afiliou-se também à Central Nacional de Televisão – CNT [1996-1999], Rede Bandeirantes [1999-2007], SBT [2007-2009], de forma irregular afiliou-se à TV Igreja Mundial [2009-2010], voltou para o SBT [2010-atualmente] depois de a emissora Rede ter processado a TV Alagoas por quebra de contrato.

A TV Igreja vendeu 22 horas de sua programação para a TV Igreja Mundial. Por isso, no dia 14 de setembro de 2009, a TV Alagoas deixa de exibir a programação do SBT e passa a exibir uma programação voltada a cultos religiosos. Essa foi a segunda saída do SBT em Alagoas.

A naturalização da violência é uma constante nas programações, o que requer ainda estudos posteriores sobre os sentidos construídos para que garantam, futuramente, análises que identifiquem relações com os grupos de poder político.

2.2 Os comunicadores alagoanos no telejornal policial

O uso dos descritores “jornalismo policial alagoano” e “telejornalismo”, na Plataforma Google Acadêmico, indicam a inexistência de estudos sobre o assunto, no campo científico. Existem artigos sobre o telejornalismo nacional, mas sem um detalhamento acerca dos programas locais. O mesmo ocorre quanto a informações sobre os apresentadores, mesmo quando ocuparam cargos públicos. Dados científicos também sobre as empresas de Televisão são restritos a poucos artigos acadêmicos, também sem detalhamento sobre o período de fundação, afiliações etc.

Deste modo, foram necessários os dados da Wikipédia (2015), já que se configura como único espaço possível de indicação de dados sobre a temática de forma popular. Verifica-se que os radialistas e jornalistas alagoanos, alguns na área do jornalismo policial, assim como os proprietários, tem uma relação estreita com a política, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Principais comunicadores-políticos de Alagoas

Nome	Função	Cargos ocupados
Cícero Almeida	Radialista	Atuação predominante em programas policiais. A partir de 2001: vereador de Maceió, deputado estadual, prefeito de Maceió por dois mandatos (obtendo 81,5% dos votos válidos em 2008), deputado federal.
Cristiano Matheus	Radialista, foi locutor e apresentador na Rádio Jornal AM (Pilar).	Atuação predominante em programas policiais na TV Alagoas e na TV Pajuçara, de 2001 a 2007. Vereador de Maceió (2004, PFL), deputado federal (2006), Prefeito de Marechal Deodoro (2008). Segue trajetória similar à de Cícero Almeida.
Fernando Collor de Mello	Jornalista e empresário de comunicação (proprietário da Organização Amon de Mello)	Foi prefeito biônico de Maceió [1979-1982], indicado pelos militares pela extinta Aliança Renovadora Nacional (ARENA); foi deputado federal biônico [1983-1986] pelo Partido Democrático Social (PDS). Governador de Alagoas pelo [1987-1989] pelo Partido Democrático Brasileiro [PMDB]. Em 15 de março de 1990, assume como primeiro presidente da República do período democrático, após o golpe, mas não conclui mandato, pois renunciou ao cargo [1990-1992], após o senado instalar sessão para julgá-lo. Desde 2014 ocupa o cargo de Senador da República.
Geraldo Costa Sampaio	Empresário de Comunicação (proprietário da TV Alagoas)	Foi Deputado Estadual, Deputado Federal, presidente e conselheiro do Tribunal de Contas, além de vice-governador na primeira gestão do governo Ronaldo Lessa [1999-2002], quando se candidatou e saiu derrotado nas eleições ao governo.
Oscar de Melo	Radialista	Atuação predominante em programas policiais, apresenta "Cidade Alerta". Foi vereador de Maceió [2008-2011].

Fonte: Wikipédia, 2015; GAIA, 2011.

Três TVs são relevantes em Alagoas: a TV Gazeta de Alagoas, a TV Pajuçara e a TV Alagoas. Destas, apenas a primeira se exclui da formação de público para o jornalismo policial, mantendo prioridade no jornalismo informativo, mas destaque-se que diariamente há notícias de impacto cuja temática central está em torno da violência e desde 2015 há um especialista, Daniel Evaristo, responsável por comentários técnicos. O comentarista não é jornalista e é filho de um ex-comandante da Polícia Militar de Alagoas, coronel João Evaristo dos Santos Filho. O jornalismo brasileiro, desde 2009, sofreu duro golpe por parte do Supremo Tribunal Federal (STF), quando dispensou a obrigatoriedade do diploma, uma conquista histórica da categoria, o que libera qualquer cidadão a esse tipo de atuação. Na argumentação, Gilmar Mendes indicou que a ação da escrita jornalística seria similar a de cozinheiros e costureiros, "profissões cujas atividades independem de criticidade", confirmando um silêncio, conforme registrou Gaia (2011, p. 16).

O silêncio é fundante do discurso, conforme registra Orlandi (2002), já que ao escolher uma palavra silencia-se sobre outras, assim o silêncio atravessa as palavras e amplia os sentidos. Todo discurso "é resultado das relações entre o

interdiscurso e intradiscurso” (Gaia, p. 39), ou seja, os termos estão sempre em processo e em todos os lugares sociais, o que resulta em memória histórica. A metodologia da AD inclui ainda como tarefa do analista a seleção do corpus, sendo esta etapa já considerada o princípio da análise, propriamente.

A metodologia desta pesquisa, portanto, inclui a seleção do corpus com base nos descritores já indicados e análise dos discursos que circularam no programa da TV local selecionada com base semântica acerca da violência. No dia 08 de abril de 2016 foi possível identificar no telejornal da Gazeta de Alagoas as seguintes matérias que abordavam a violência, conforme indicam as sequências discursivas, cujas chamadas ficaram disponíveis no site oficial da empresa, vinculado ao da Globo (G1)²:

SD1- Suspeito de três homicídios é preso em Rio Largo

SD2-Delegado passa a colher depoimentos sobre **assassinatos** de pai e filho em AL

SD 3 – Oito são presos em operação integrada

As palavras em negrito, na maioria, são vinculadas ao campo policial, como delegado e suspeito e as demais (assassinatos, presos, operação integrada) pluralizam a violência. Esse exemplo de recorte discursivo evidencia o quanto um telejornal aparentemente voltado apenas a informações gerais e de caráter formal, enfatiza aspectos da violência cotidiana desde as suas chamadas (o equivalente a manchetes nos materiais impressos ou virtuais) até o conteúdo.

Considerando o Telejornal como um emissor de discursos, verifica-se que, na perspectiva da AD relaciona-se com a Formação Discursiva Violência, cujo termo

surgiu em 1969, com Michel Foucault, que interroga sobre as condições históricas e discursivas do saber. Para Pêcheux [...] FD é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito [...]. Para Orlandi [...] “são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas” (GAIA, 2011, p. 198).

Diante disso, o que se registra é o discurso formalmente autorizado, pois o telejornal não indica qualquer acontecimento, mas especificamente o que é

² A metodologia de análise incluiu observação e gravação dos conteúdos dos telejornais e, posteriormente, verificação desses discursos no formato texto, disponível no site oficial da emissora.

autorizado a dizer, a partir da linha editorial, dos interesses do proprietário (ou do grupo aliado) e dos que anunciam. Verifica-se que das cinco notícias mais lidas que constam no mesmo site, no dia analisado (Ilustração 1), quatro estão vinculadas ao repertório da violência, o que reforça a teoria analisada:

Ilustração 1: Mais lidas no Portal Gazeta 08.abr.2016



Fonte: G1. TV Gazeta, 08.abr.2016.

- SD4- **Trio é preso** em AL suspeito de **aplicar golpes** em empresários pela internet
 SD5- Operação em Maceió tem **8 presos, droga e mais de R\$ 3 mil apreendidos**
 SD6- Polícia **apreende dezenas** de celulares na Feira do Rato, em Maceió
 SD7- Operação da PF flagra **empresas de segurança clandestinas** em Alagoas

Quando os discursos das notícias do telejornal menos enquadrado no perfil policial são analisados, repercutem novamente a temática violência, com destaque. Os negritos indicam não somente que há grande quantidade de marginais (trio, 8 presos), como também há grande quantidade de materiais roubados que são apreendidos (dezenas de celulares, droga, mais de R\$ 3 mil). A própria situação da segurança é informada no discurso da insegurança, já que a apuração dos fatos registra que há empresas deste setor atuando de forma clandestina, conforme se verificou nas sequências.

Todo esse repertório é considerado relevante para os estudos discursivos, porque constrói uma narrativa que passa a ter sentido multiplicador e com destaque acentuado no cotidiano das pessoas, em detrimento de todos os demais fatos culturais ou relacionados a uma melhor qualidade de vida da população que possibilitassem uma percepção crítica ou ampliada acerca da realidade.

A violência é um tema polêmico que atrai a atenção do público e que há muitos anos é alvo de estudos para a sua redução. Pois, com o advento das primeiras civilizações, houve a necessidade de se criar normas para diminuir ou acabar os índices de violência. Destaque-se no Brasil, alguns documentos básicos: Código processo Penal DECRETO-LEI Nº 3.689/1941; Lei Maria da Penha Nº 11340/2006; Lei antidrogas Nº 11.343/2006; Estatuto da Criança e do Adolescente; Código Penal Militar Nº 1.001/1969; Lei que define os crimes de tortura [Lei Nº 9.455/1997](#).

A cidadania “constitui o fundamento da primordial finalidade do Estado democrático de direito”. Isso significa que, nessa perspectiva, a igualdade social e econômica são urgências para alterar a ordem mundial pautada numa lógica que inclui a presença da mídia nos cotidianos das populações, cujos conteúdos reverberam discursos contraditórios em relação às diretrizes básicas de cidadania (ROZCKI, 1999, p. 1).

Segundo Ximenes; Osdo (2010) a população necessita integrar o debate público, mas para isso é necessário processos de formação crítica, o que requer projetos políticos pedagógicos e leis estaduais, municipais e federais que sinalizem para abertura desta discussão.

3. A VIOLÊNCIA DOS PROGRAMAS POLICIAIS

Nesta seção realiza-se a análise dos discursos utilizados pelos programas policiais para atrair a atenção dos telespectadores, assim insere-se este trabalho na Formação Discursiva Criminosa. Denomina-se Formação Discursiva ou FD, termo criado por Pêcheux (1997, p. 160), em 1969, o que numa determinada formação ideológica determina o que pode e deve ser dito.

O termo discurso “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento [...]”, conforme indica Orlandi (2003, p. 16). Nos trabalhos de AD, a língua é percebida a partir dos múltiplos significados que propicia, ou seja considera o homem na história, os processos e as condições de produções (de forma estrita e de forma ampliada) que possibilitam entender sua origem.

Sobre o conceito de espetáculo nos programas, Ferreira (2009, p.809) define como tudo o que “chama a atenção, atrai e prende o olhar”, “contemplação”, representação (em teatro, cinema TV etc.) ou uma cena “ridícula ou escandalosa”

No entanto, para a Teoria do Discurso os sentidos não se capturam através da transmissão indicada no dicionário, mas integram condições de produção amplas e restritas, capturáveis na sociedade.

Nessa perspectiva, Tondo; Negrini (2009) destacam que há programas com aparência jornalística, mas que são híbridos e estão entre a dramatização e a espetacularização. Os autores indicam o apresentador Luiz Datena e o programa Brasil Urgente como um representante desse formato midiático. Neste TCC, foi analisado o programa *Fique Alerta*, cujo apresentador Gernand Lopes (Ilustração 1) se insere no padrão citado.

Ilustração 1: Gernand Lopes



Fonte: Fique Alerta, 13.ago.2015

Os programas policiais têm uma finalidade que significa de outras formas além da notícia. No que diz respeito ao apresentador do programa, verificou-se que a discursividade se estrutura a partir de um campo semântico que estimula a ansiedade, o que é confirmado na literatura:

O Jornalismo Policial também se vale muito da produção de *ansiedade* na construção de suas notícias. Muitas vezes, parece que estamos diante de filme policial, em que a ação se torna o foco da exibição. Nesse sentido, perseguições policiais são frequentemente exibidas. No entanto, nos parece que o principal elemento na construção da ansiedade é o ritmo da fala dos apresentadores. Estes claramente manipulam o teor das notícias acelerando a velocidade de seus comentários e aumentando o volume da voz. Diante dessa agitação do apresentador, parece-nos impossível não ficar ansioso, por mais que, muitas vezes, o conteúdo das notícias ou as imagens apresentadas sejam bastante inócuos (ROMÃO, 2013, p. 117).

Palavras e expressões como: suspeito, homicídios, delegado, assassinatos, presos, operação integrada, trio preso, aplicar golpes, droga, apreende são integradoras de um discurso inserido na Formação Discursiva Criminosa.

A análise dos discursos no programa citado confirma diversos aspectos que foram identificados na teoria, desde a sua hibridez à violação dos direitos humanos, conforme as sequências discursivas indicam.

Sequência Discursiva 8:

Apresentador: Gernand Lopes.

Data: 22/01/2015.

Hora: 2h44min.

Apresentador: Um adolescente de 14 anos, ele foi **apreendido** com mais de meio quilo de maconha. Eita! E é mais maconha sendo **apreendida**. A **localidade** conhecida como Baixada do Cleto. O repórter Maílson Franklin traz as informações. “**Lambe seda**, presta atenção”. Tem mais maconha aqui! Olha! Incinerada. Vai ser incinerada hein, Maílson? Conta pra gente.

As palavras em negrito (apreendido, apreendida) indicam a pessoa que é retirada de circulação, como também o produto que configura o ato ilícito (maconha). O local onde ocorrem as apreensões, distante e destacado como localidade de difícil acesso (Baixada do Cleto) indica que é um local com declive, onde há uma depressão no terreno. A expressão para se referir aos usuários de drogas (lambe seda, um tipo de papel específico para enrolar o cigarro de maconha) indica uma forma de tratamento dado aos usuários com finalidade pejorativa e que integra um campo semântico pouco usual no cotidiano de não-usuários, o que gera um embaralhamento de sentidos.

Sequência Discursiva 9:

Repórter: Maílson Franklin

Data: 22/01/2015.

Hora: 2h45min.

Repórter: Força Tática do 5º Batalhão da Polícia Militar apreendeu **um adolescente de 14 anos** nesta quinta-feira. Com este adolescente, a polícia encontrou esta quantidade de **maconha**. Tem aproximadamente **600 gramas** de maconha, tem esse **tablete** aqui já machucado para ser comercializado e tem esse **outro tablete** aqui. Interessante que **o tablete é idêntico aqueles outros tabletes que foram apreendidos**, não é? Aproximadamente **120 quilos de maconha**. É, nesta quinta-feira, uma operação da Polícia Militar. **Eu acho que era do mesmo lote, tá? Daquela quantidade**. Conversar aqui com o integrante da Força Tática. Onde ocorreu a apreensão dessa droga?

Integrante da Força Tática: A apreensão ocorreu na baixada do Cleto. Onde a operação em conjunto com a **P2 do 5º Batalhão, a Força Tática 1 e 2** se deslocou ao local e segundo informação que vizinho à residência do cidadão encontrava-se

um material, uma droga **escondida debaixo de uma lona**. Fomos ao local, fizemos buscas e foi encontrado o material.

Repórter: Isso foi na residência dele?

Integrante da Força Tática: A droga estava **num terreno ao lado da casa** dele.

Repórter: Certo. **O que o menor alegou?**

Integrante da Força Tática: Ele **não alega nada**.

Repórter: Ele tava servindo ali, como **mula ou alguma coisa**? Essa droga pertencia a ele?

Integrante da Força Tática: Segundo informação ele comprou essa **droga para revender**.

Repórter: Agora, é uma **área bastante crítica**, né? Nessas mediações ali que fica entre o Cleto e a Rua Rotary como é bastante conhecida, é a Baixada do Cleto e não é a primeira vez que uma quantidade de droga é apreendida lá.

Integrante da Força Tática: Negativo. Inclusive na prisão dele é a segunda vez que nós fomos, da primeira vez não encontramos nada e nessa segunda vez logramos êxito.

Repórter: **Os pais desse adolescente dizem o quê?**

Integrante da Força Tática: Só diz que ele tem **más amizades**, que dá muito conselho e ele não segue.

Repórter: Ele **pagou quanto por essa droga?**

Integrante da Força Tática: Ele **não informou**.

Repórter: Ok. O adolescente vai ser encaminhado nesse momento para ser ouvido aqui na Central de Flagrantes 2. Parabéns aqui os Integrante da Força Tática do 5º Batalhão da Polícia Militar. Parabéns. Olha o carnaval está chegando gente, estamos praticamente no final de janeiro, o que a polícia tirou de circulação aqui de droga **não foi brinquedo**. A última foi ontem 118 quilos de maconha. Essa carga apreendida aqui em Maceió que com certeza seria distribuída para o período de carnaval.

Na primeira etapa da narrativa do repórter, ele apresenta as apreensões de um adolescente de 14 anos e maconha. Droga e pessoa humana são transformadas em coisas. Em seguida essa droga é indicada por meio de quantidades (600 gramas, tablete machucado e outro tablete). O repórter afirma que a droga apreendida é para comercialização (tem esse tablete aqui já machucado para ser comercializado).

Na legislação brasileira, a diferença entre traficar e usar depende do caso concreto e sua definição é indicada pelo delegado do caso, responsável pelo enquadramento (GOMES; SOUSA, 2010). Verifique, contudo, conforme indica Varjão (2015), é frequente a violação, por parte desse tipo de programa, à presunção de inocência, ou seja a culpa é indicada, antes mesmo do julgamento. A constituição especifica que “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória” (VARJÃO, 2015). Essa questão é relevante

porque possibilita avaliações subjetivas por parte do Poder Público. Destaque-se que

no Brasil, diversamente da maioria dos outros países, no que diz respeito à quantidade da substância entorpecente, não se tem conhecimento de nenhuma orientação ou norma oficial que fixe diretrizes seguras à definição do que seria uma quantidade de droga razoável para o consumo pessoal. Por conta disso, há obscuridade em relação a uma possível presunção legal de que o porte teria esse sentido (BRASIL, 2014).

Em seguida, a estrutura narrativa da reportagem relaciona a droga apreendida pelo menor a outra apreensão anterior (**o tablete é idêntico aqueles outros tabletes que foram apreendidos, 120 quilos de maconha**) e finaliza com narrativa em primeira pessoa, expressando seu ponto de vista em relação à droga apreendida e imprecisão da apuração da notícia (**Eu acho que era do mesmo lote, tá? Daquela quantidade.**).

Ao ser entrevistado o Integrante da Força Tática relata os esforços em conjunto com várias equipes policiais (**5º Batalhão, Força Tática 1 e 2**) para conseguir prender esse adolescente e apreender a droga que estava com ele (**escondida debaixo de uma lona, num terreno ao lado da casa**).

O repórter pergunta ao Integrante da Força Tática se o menor foi usado como **mula** (uma expressão própria do campo policial e que identifica a pessoa encarregada de entregar drogas), como os pais se posicionam, se o menor pagou para uso ou revenda. As respostas indicam potencialidade para tráfico, já que o rapaz silencia, a polícia enquadra como revenda e os pais justificam a conduta a partir de “más amizades”.

Verifica-se novamente, com base em Varjão (2015) a violação de direitos, já que há identificação de adolescentes em conflito com a lei, o que é expressamente indicado como proibido no Estatuto da Criança e do Adolescente. Nessa matéria foi possível observar elementos que justificam a FD Criminosa, como mula, maconha e droga, que configuram ilicitude. Diante disso, verifica-se que a autorização do sujeito jornal policial, destaca a violência (a partir do próprio elenco semântico) o que determina a linha editorial.

Sequência Discursiva 10:

(TV PAJUÇARA 2016-01-21 12h02m09s.mp4)

Apresentador: E o repórter Mailson Franklin tem mais informações sobre o **grupo** que foi **preso** com **arma e droga** no Complexo Habitacional Benedito Bentes. **Na tela.**

Repórter: Agora vamos conversar aqui com os **cinco ocupantes desse veículo**. Vamos conversar aqui primeiramente com o Cássio Henrique Sarmiento dos Santos Filho.

Repórter: **Cássio você já tem passagem pela polícia?**

Entrevistado1 - Cássio: Tenho **não**.

Repórter: **Você não tem?**

Entrevistado1 - Cássio: **Não**.

Repórter: **Tem certeza?**

Entrevistado1 - Cássio: **Tenho**.

Repórter: Qual o motivo da sua prisão? Porque **você foi preso, porque você estava nesse veículo que tinha droga, essa quantidade de celular**.

Entrevistado1 - Cássio: Celular, tinha **um celular meu**. Um **celular da minha irmã** que eu tinha pego com minha ex-esposa que tava emprestado com ela para devolver **e o celular da minha esposa**. Os **únicos três celular** que a gente dá conta é esse.

Repórter: **E essa droga** que foi encontrada no veículo?

Entrevistado1 - Cássio: A droga encontrada no veículo **é do menino ali que ele é usuário**, tinha um **pedacinho de 25 gramas só**.

Repórter: Tem um **tablete** ali.

Entrevistado1 - Cássio: Tablete?! [Voz de espanto]

Repórter: **Sim, tem um tablete ali**. Tá em cima do capuz do carro.

Entrevistado1 - Cássio: **Não vi não** tablete nenhum.

Repórter: Você não sabe...

Entrevistado1 - Cássio: **Não**.

Repórter: Essa droga tava **escondida** na lateral do veículo?

Entrevistado1 - Cássio: **Não**, essa droga **não tava escondida**. Ela tava dentro do porta-luva do carro.

Repórter: Quem foi que locou esse carro? Polícia recebeu informação que esse carro foi locado e ia chegar um carregamento de droga aqui em Maceió. E a droga sendo escondida dentro da lateral desse carro. Sendo distribuída em um bairro aqui de Maceió.

Entrevistado1 - Cássio: Como é que essa droga ia ser escondida na lateral do carro se não tem esconderijo nenhum no carro ali? Eles olharam tudo?

Repórter: Dentro das portas.

Entrevistado1 - Cássio: Dentro das portas? [Risos].

Repórter: Você tem ligação com alguém dentro do presídio?

Entrevistado1 - Cássio: Tenho não!

Repórter: Conhece ninguém não?

Repórter: Qual a participação da sua esposa aí, adolescente?

Entrevistado1 - Cássio: Ela **não** tem participação em **nada não**.

Repórter: Vocês estavam indo pra onde?

Entrevistado1 - Cássio: Eu fui fazer um orçamento da logarinas do meu carro na oficina. Na rua Nascente do Sol. Pode perguntar lá o mecânico que eu fui lá fazer o orçamento, quando eu ia saindo eles abordaram o carro.

Repórter: **Você não tem nada a ver, você é inocente.**

Entrevistado1 - Cássio: Não tenho nada a ver.

Repórter: Vou conversar inclusive com o motorista do veículo. Conversar aqui com o Luan Carlos dos Santos Silva.

Repórter: Foi você quem locou esse carro?

O apresentador ressalta vários elementos da FD criminosa (**grupo, preso, arma, droga**), o que é reforçado pelo repórter (**cinco ocupantes desse veículo**) que pluraliza a ação criminosa. O que chama a atenção nessa SD são as perguntas feitas pelo repórter aos entrevistados.

As perguntas feitas ao entrevistado1 constroem um discurso de culpabilidade a partir de ações criminosas julgadas previamente pela própria construção da narrativa. Trata-se aqui, conforme Varjão (2015) da violação do direito ao silêncio o que é indicado pela Constituição Federal, pelo Regulamento de Serviços de Radiodifusão, pelo Código Civil Brasileiro e pela Lei de Execução Penal.

Existem também convenções multilaterais que impedem essa violação de direito (Convenção Americana sobre Direitos Humanos, Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos. Além disso, o próprio Código de Ética do Jornalista, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e seguido por todos os sindicatos da federação, reforça que o jornalista deve seguir os princípios expressos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ocorre que nem todos os apresentadores e repórteres em difusão televisiva são efetivamente jornalistas, pois muitos são radialistas, mas a população confunde, já que o tratamento dado a todos os comunicadores, na maioria das vezes, é similar para o leigo (VARJÃO, 2015).

Na análise da SD 10, verifica-se que o repórter, utiliza estratégias de comunicação interpessoal que convocam o outro pelo nome próprio e também configura violação de direito, por ser considerado tratamento desumano ou degradante, pois usa a função para tentar obter declarações ou confissões: **Cássio você já tem passagem pela polícia?; Você não tem?; Tem certeza?; Qual o motivo da sua prisão? Porque você foi preso, porque você estava nesse veículo que tinha droga, essa quantidade de celular?** As negativas breves do entrevistado1 (**Tenho não; Não**), obrigam o repórter a elaborar um roteiro acelerado de questões para cumprir os minutos que necessita para manter o jornal com audiência e busca retirar do entrevistado1 uma confissão, o que se constitui como violência simbólica.

Diante da insistência do repórter sobre vários telefones, o entrevistado¹ desvia qualquer possibilidade de vínculo com roubo (**um celular meu, um celular da minha irmã e o celular da minha esposa**). Em seguida, o repórter indaga sobre origem da droga encontrada (**E essa droga que foi encontrada no veículo?**) e, novamente, ocorre negativa (**é do menino ali que ele é usuário**), mas com especificação de quantidade (**um pedacinho de 25 gramas**). O repórter reforça o questionamento, com uso de elementos irônicos (**Tem um tablete ali; Você não sabe...; Essa droga tava escondida na lateral do veículo?**). A estratégia lingüística utilizada pelo entrevistado é o espanto, como alternativa para negar, novamente (**Tablete?!**).

Em função da própria meta do jornal, seja do tempo necessário, seja da linha editorial, o repórter organiza diversas perguntas ao entrevistado¹ e constrói uma narrativa que sugere sua participação em atos ilícitos (**Quem foi que locou esse carro?; Você tem ligação com alguém dentro do presídio?; Conhece ninguém não?; Qual a participação da sua esposa aí, adolescente?; Você não tem nada a ver, você é inocente.**). Mais uma vez, o silenciamento é a resposta, o que amplia ainda mais o tempo disponível para o entrevistador. A exposição indevida da família também é considerada uma violação às normas legais, já que o caso está ainda sob averiguação.

Autores como Aires (2014), Clemente (2009), Oliveira (2010), Silva; Tashetto (2008) e Duarte (2014) contribuem para indicar os aspectos predominantes na espetacularização dos programas policiais. Cada sociedade, conforme indica Clemente (2009), é particularizada por sua cultura, seja em povoados, em cidades, em países e em continentes. Os aspectos culturais definem e traduzem o que há de mais especial em cada um desses grupos.

Quando a cultura ultrapassa os muros de sua comunidade, ocorre o compartilhamento de culturas - o transculturalismo. Assim, é possível indicar que há massificação dos processos culturais. Porém, só é possível garantir tal afirmação a partir do momento em que outros povos se apropriam de costumes diferentes dos seus. Ou seja, há uma diferença entre conhecer e se apropriar de costumes externos. Segundo Clemente (2009, p. 22), a lógica massiva

torna-se uma cultura de conteúdo transformador que se utiliza da televisão por ser um veículo democrático por excelência para difundir

sua mensagem. Ativando o imaginário, esse meio participa da construção de imagens e da reconstrução de um estilo, afirmando assim, a realidade de sujeitos ativos.

Podem-se indicar os primórdios da espetacularização com o período de Luís XV, na França, mas sua dimensão contemporânea vincula-se aos fatos instantâneos televisivos cuja meta pela audiência desconsidera aspectos éticos e cidadãos³.

Política, mídia e a expectativa popular se misturam em um ambiente atravessado por diversas relações de poder e de reciprocidade. No contexto de midiatização da sociedade, as relações entre mídia e política estão cada dia mais complexas, e isso acontece porque, mais do que ferramentas, a lógica midiática é cada dia mais importante para o funcionamento das relações sociais, sendo tanto determinante quanto determinada por ela (AIRES, 2014, p. 24).

Por meio desse veículo a audiência identifica várias culturas que nem sempre reproduz e outras que são instantaneamente reproduzidas. No Brasil, o acesso a outras culturas ocorre desde os anos 1500, quando os portugueses e posteriormente os holandeses identificam o potencial da cana de açúcar e outras riquezas minerais no Brasil. Passamos da carta de Cabral (que levava dias e até meses para chegar a determinados destinos) à internet (que comunica em tempo real). De acordo com o IPEA (2010, p. 426), independentemente do fenômeno internet, até 2010

a TV permanece como o principal meio de distribuição de informações no Brasil. A Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios (PNAD), de 2008, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), expôs a incidência das diversas formas de comunicação nos brasileiros, por meio da posse de bens duráveis: constatou-se que a TV está presente em 95,1% dos domicílios brasileiros, sendo, portanto, a forma majoritária pela qual o brasileiro médio se informa.

No entanto a Pesquisa Brasileira de Mídia 2014, cujos dados foram coletados em 2013, verifica-se que mais de 50% dos brasileiros se informam pelo Facebook:

Quando questionados sobre sites, blogs, ou redes sociais utilizadas como meios de informação, a rede social Facebook também aparece em 1º lugar e muito à frente dos demais portais citados com maior frequência: Globo.com, G1, Yahoo, Youtube e UOL, que aparecem como 2º; 3º, 4º, 5º e 6º, respectivamente (BRASIL, 2013, p. 67).

³ Aos que se interessem mais sobre estudos acerca dos estudos iniciais sobre a sociedade do espetáculo, são considerados autores relevantes Deburd (2000) e Llosa (2013).

Esse percentual é válido tanto para acesso ao Facebook quanto para a utilização do Facebook com enfoque na busca de informação, uma vez que quando questionados sobre os acessos a site, blog ou rede social na “1ª menção 54%” e nas 1ª, 2ª e 3ª “menções 65%” de acordo com Brasil (2013, p. 300). A pesquisa identifica, portanto que já houve uma alteração simbólica e real do ponto de vista do impacto real da mídia TV.

Assim como outras mídias, a televisão é uma fonte de dados que permite acesso a outras culturas. A depender do processo de produção é possível indicar críticas positivas ou negativas. Entende-se ainda que por estar na maioria dos lares brasileiros, também exerce um poder persuasivo em seus telespectadores. Consoante Barroso; Almeida e Kulning (2012, p. 53) “a mídia contribui para a busca de padrões de beleza instituídos como verdade. A mídia está presente no cotidiano das pessoas criando opiniões, ditando valores, regras, principalmente, associadas a estereótipos de beleza.” Ou seja, os processos de persuasão estão diretamente ligados ao consumo desses telespectadores, pois através deles as emissoras de televisão mantêm suas estruturas. Segundo o IPEA (2010, p. 428)

as redes de TV congregam emissoras de rádio FM e AM, além de jornais, revistas e portais de internet. Isso amplia a concentração da distribuição de informação, constituindo-se claramente em oligopolização tanto em relação à penetração quanto em relação à diversidade de posse de meios distintos, o que contraria ostensivamente o 2o § do Art. 220 da CF/88.

Os meios de acesso à informação mudaram. Com eles, novas linguagens aparecem em diversas mídias, dentre elas as relacionadas ao computador e a internet que segundo Ferreira (2008, p. 17) obriga a rever noções de autoria, efeito e memória.

O fator tempo livre é decisivo no processo de significação dos assuntos, devido à grande quantidade de informações recebidas diariamente. A velocidade dos processos informativos exige um leitor que gerencie os dados com maior rapidez. Estudiosos como Santaella (2011) indicam que vivenciamos um momento de hiperhibridéz, mas com maior ênfase nos Estados Unidos e no Brasil. A força de comunicação da TV é inegável, sobretudo nos estudos sobre comunicação e

política, ainda que a Internet tenha ocupado espaços significativos (CLEMENTE, 2009):

TVs e política articulam-se em discurso simbiótico. Para comprovar isso, é necessário investigar: Quem são os donos das concessões? Quais são os beneficiários? Como foi estruturada a programação? Que discursos circulam por trás e além das notícias? Como é feita a edição das imagens e das palavras? (CLEMENTE, 2009)

Análises discursivas midiáticas indicam a precisão técnica, testada e intencional desses conteúdos, bem como alvo específico. Na perspectiva dos que entendem as mídias como 4ª poder, após Executivo, Legislativo e Judiciário, as notícias teriam o poder de elevar uma pessoa ao mais alto escalão do poder e também tirá-la. Porém, essa busca por informação não se restringe apenas a TV, pois segundo Passos (2014, p. 1) a

Pesquisa Brasileira de Mídia ainda aponta que o meio de comunicação mais utilizado para busca de informações no país é a televisão, pois 97% dos entrevistados afirmaram assistir TV. 61% das pessoas afirmaram ter o costume diário de ouvir rádio, que ficou em segundo lugar, seguido pela internet, com 47%.

Os dados são significativos, mas o site Pragmatismo Político (2015) registra que

teledramaturgia, antes imbatível, vive um momento delicado. A novela Babilônia já é considerada um fracasso. O canal tem perdido, em média, 10% de seu público a cada ano. No mês de março de 2015, o Jornal Nacional, telejornal mais assistido da televisão brasileira, registrou a sua menor média de público sintonizado em todos os tempos.

Apesar dessa perda, a mídia TV ainda apresenta potencial significativo. No Brasil esta mídia foi um o marco que alterou a sociedade, se considerarmos que, as pessoas deixavam de sair com os amigos e familiares para ficarem sentadas na frente da TV por várias horas seguidas:

[...] 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente. Em média, os brasileiros passam 4h31 por dia expostos ao televisor, de 2ª a 6ª-feira, e 4h14 nos finais de

semana, números superiores aos encontrados na PBM 2014, que eram 3h29 e 3h32, respectivamente (BRASIL, 2014, p. 7).

A TV explora em seu máximo o efeito persuasivo que causa nas pessoas, seja para vender um produto físico ou uma ideia. A nova ordem da informação, pautada em multimídias e plataformas diferenciadas, requer uma

escuta discursiva, sob a forma de um gesto de interpretação do analista, vai consistir em trabalhar, a partir das lentes de seu dispositivo teórico-analítico, a opacidade desses textos e hipertextos que circulam por mídias mais diversas, desnaturalizando o que parece natural, pondo em questão o que se apresenta como evidente e trazendo à presença o que se mostra ausente (FERREIRA, 2008, p. 21)

No Brasil, esta mídia preserva status hegemônico de difusor de informações, pois ainda que tenha audiência diluída em outras mídias, ela própria já identifica formas de inserção multimídia, via plataformas distintas com aplicativos ou não. As recentes mudanças na Rede Globo, após investimentos contínuos em discursos com ativismo pró-impeachment da presidenta do Brasil, são reveladores desse capital comunicativo:

A mídia, em especial a TV Globo, tem tido papel protagonista nas manifestações contra a presidente Dilma Rousseff e o PT. Alguns estudiosos chegam a afirmar que dificilmente estas manifestações teriam repercussão se não fosse a Rede Globo. Em outras palavras, a Rede Globo, tão avessa à cobertura de qualquer movimento popular, entrou de cabeça na transmissão destas manifestações. No domingo 15/04, por exemplo, mobilizou, como há muito não se via, toda a sua estrutura com o objetivo de ampliar e dar visibilidade a estes atos. A título de comparação, as manifestações de 13/04, que também aconteceram em todo o Brasil e defenderam a Reforma Política, não mereceram cobertura tão dedicada da sua parte. (CARRATO, 2015).

Com isso, identifica-se que a mídia TV ressignificou a perda inicial de espaço para outras mídias e mantém público que considera seus registros, pois as pesquisas indicam várias horas de audiência por dia. Ainda que o telespectador busque novos canais para retirar dúvidas, muitas vezes sequer saberá que o grupo proprietário é o mesmo (caso do Canal Futura e da Rede Globo, por exemplo). O telespectador comum também ignora que filmes e publicidade se articulam com os conteúdos narrativos políticos, eivados de ideologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou identificar a Análise do Discurso (AD) como um conhecimento que considera o confronto e a contradição entre os sentidos e a forma como eles são produzidos. Para isso, pesquisaram-se os veículos transmissores de informação, os programas veiculados ao longo da história [exemplos de alguns programas policiais: Cadeia e Boletim de Ocorrência, Plantão de Polícia, Plantão Alagoas, Cidade Alerta] e a forma como a temática em questão era e é transmitida aos telespectadores.

Identificaram-se aspectos dos discursos emitidos ou silenciados nas SD analisadas voltadas para a FD Criminosa, expressos em palavras que integram um campo semântico definido: suspeito, homicídios, presos, delegado, assassinatos, operação, preso, aplicar, golpes, droga, apreendidos, maconha, mula etc.

Observou-se nas análises realizadas que os discursos são sustentados por fatores históricos e ideológicos que ditam o posicionamento do sujeito perante o desfilamento e a produção dos enunciados. Um exemplo disso está no processo fundante da televisão no Brasil, que inclui entrega da TV, como presente, a membros da elite (CLEMENTE, 2009).

Verificou-se também que os recortes midiáticos analisados, seguem um padrão, de espetacularização e violência, enraizado nas origens da TV, em determinado momento histórico. Os teóricos indicam desde os Anos 1980 a necessidade de estudar os desejos do público e as estratégias utilizadas para garantir atenção fiel do telespectador médio.

Nesse sentido, há programas que constroem um discurso aparentemente jornalístico, mas que se situam em área híbrida, entre a dramatização e a espetacularização (SODRÉ, 1983; TONDO;NEGRINI, 2009).

REFERÊNCIAS

AIRES, Janaine Sibelle Freires. **Programas populares sensacionalistas e relações de poder: a construção do perfil político de um defensor do povo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. (Dissertação de mestrado da Universidade do Rio de Janeiro).

BIROLI, Flávia. Representações do Golpe de 64 e da ditadura da mídia. In: **Varia História**. V. 25, nº 41. Belo Horizonte: Editora UFMG, jan.jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v25n41/v25n41a14.pdf>>. Acesso em: 08.out. p. 269-291.

BRASIL. **Pesquisa brasileira trimestral de mídia 2013**. Relatório Final. Brasília: IBOPE Inteligência, 2013. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-total-de-pesquisas/relatorio-final-pesquisa-trimestral-de-opiniao-publica-nov-13.pdf>>. Acesso em:

BRASIL1. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Brasília: Secom, 2014.

BRASIL 2 **Relatório Núcleo de Pesquisa em Criminologia e Política Penitenciária – NUPECRIM: Sobre a quantidade de drogas para uso ou tráfico e a necessidade de regulamentação**. Paraná: Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná Gabinete da Secretária, 2014. Disponível em: <<http://www.politicasobredrogas.pr.gov.br/arquivos/File/et.pdf>>. Acesso em: 19 de jun. 2016.

CANABARRO, I. S. Caminhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV): memórias em construção. **Seqüência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 35, n. 69, p. 215-234, dez. 2014. ISSN 2177-7055. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/seq/n69/09.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2015.

CARRATO, A. Dez razões para não comemorar os 50 anos da Globo. In: **Carta Capital** [online]. 26.abr.2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/dez-razoes-para-nao-comemorar-os-50-anos-da-Globo-1267.html>>. Acesso em: 5.jul.2016.

CNV. **Relatório final da Comissão Nacional da Verdade** [download dos três volumes]. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/574-conheca-e-acesse-o-relatorio-final-da-cnv>>. 2014. Acesso em: 9.out.2015.

CLEMENTE, Andrea Sant'anna. **Merchandising social: a caixa de pandora da telenovela brasileira**. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2009. (Dissertação de mestrado da Universidade de Sorocaba). Disponível em: <http://comunicacaoecultura.uniso.br/prod_discente/2009/pdf/andrea_clemente.pdf>. Acesso em: 09.out.2015.

G1. TV Gazeta. Notícias mais lidas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/>>. Acesso em: 08.abr.2016.

DEBURD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. contraponto, 2000.

DUARTE, Danillo. **Jornalismo policial na televisão brasileira**: gênero e modo de endereçamento. Salvador: UEB, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 4. ed. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A ciranda dos sentidos. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina (Orgs.). **Discursos midiáticos**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. p. 13-22.

GAIA, R. V. **A política na mídia e a mídia política**. Maceió: Edufal, 2011.

_____.; LOPES, Boanerges. Arnon de Mello: O repórter que se tornou empresário. In: MARQUES DE MELO, José. **Imprensa Brasileira**: personagens que fizeram história. Vol. 2. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. p.187-197.

_____. **IZP**: Comunicação a serviço do cidadão. Maceió: Instituto Zumbi dos Palmares, 2003.

GALVÃO, Thaisa. Dono da TV ponta negra, grupo hapvida negocia compra de todas as TVs, jornais e rádios dos Diários Associados do Nordeste. In: **Blog Thaisa Galvão**, 2015. Disponível em: <<http://www.thaisagalvao.com.br/2015/01/08/dono-da-tv-ponta-negra-grupo-hapvida-negocia-compra-de-todas-as-tvs-jornais-e-radios-dos-diarios-associados-do-nordeste/>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

GOMES, Luiz Flávio. SOUSA, Áurea Maria Ferraz de. **Tráfico ou usuário de droga**: depende do caso concreto. Disponível em <http://www.lfg.com.br> - 08 de dezembro de 2010.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Estado, instituições e democracia**. Brasília: IPEA, 2010.

LEAL FILHO, Laurindo. Quarenta anos depois, a TV brasileira ainda guarda marcas da ditadura. In: **Revista USP**, nº 61. São Paulo: USP, mar/mai 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/Windows7/Desktop/redeglobo64.pdf>>. Acesso em: 08.out.2015. p. 40-47.

LLOSA, M. Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MACONHA no Cleto Marques Luz [SD1]. Disponível em: <<http://www.tnh1.com.br/tnh1tv/canal/fique-alerta/single/video/adolescente-foi->

apreendido-com-mais-de-meio-quilo-de-maconha-no-cleto-marques-luz/?cHash=c266e4cd2330c1e330492ac986055d70>. Acesso em: 22.jan.2016.

OLIVEIRA, Magali Simone. **Tropa de elite**: a espetacularização da fusão real, ficção no cinema nacional a serviço do bope e do ibope. [Dissertação de mestrado] São João Del-Rei: UFSJ, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. 5ª Ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002.

ORTRAWINO, G. Rádiojornalismo no Brasil: Fragmentos de história. In: **Revista USP**. São Paulo, nº 56: USP, p. 66-85. Dez.-fev. 2002-2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>>. Acesso em: 09.out.2015.

PASSOS, Najla. Metade dos brasileiros já se informa pela internet. In: **Carta Maior**, 09.mar.2014. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Metade-dos-brasileiros-ja-se-informa-pela-internet/12/30434> >. Acesso em: 08.out.2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Pontes, 1997.

PIMENTEL, Mércia. **Política e mídia em discurso**: Análise de machetes do Jornal da Assembléia Legislativa de Alagoas. Maceió: Edufal, 2015.

PIOZEVANI FILHO,

ROMÃO, D. M. M. **Jornalismo policial**: indústria cultural e violência. São Paulo: USP, 2013. Dissertação de mestrado – PPG em psicologia. Disponível em: <[file:///C:/Users/Windows7/Downloads/romao_corrigeida%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Windows7/Downloads/romao_corrigeida%20(5).pdf)>. [Livre para download]. Acesso em: 04.ago.2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, A. D. G. dos; NORMANDE, N. L. Rádio pública e política: Depoimentos sobre a Rádio Difusora de Alagoas. In: **Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia**. 19 a 21.ago.2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Radio%20publica%20e%20politica.pdf>>. Acesso em: 9.out.2015.

SANTOS, M. I. A. dos. **Telejornalismo do grotesco**: Telejornal Aqui e Agora. São Paulo: UNIP, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983.

SILVA, Rosimeri Aquino; TASHETTO, Leônidas Roberto. Direitos humanos e polícia. **Revista de ciências sociais**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 3, set./dez.2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=7422162006>>. Acesso em: 22.mar.2015.

TNH1. Oscar de Melo volta à TV como apresentador do Cidade Alerta. 23.dez.2014. Disponível em: <<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/geral/2014/02/23/289993/oscar-de-melo-anuncia-volta-a-tv-como-apresentador-do-cidade-alerta>>. Acesso em: 8.jun.2015.

TONDO, R; NEGRINI,M. Espetacularização e sensacionalismo: Reflexões sobre o jornalismo televisivo. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0604-1.pdf>>. Acesso em 8.abr.2016.

XIMENES, Julia Maurmann; ORSO, Nívea A. da S. **Educação para a cidadania uma análise**. Florianópolis: CONPEDI, 2010. Disponível em: <<ibase.br/pt/noticias/mapas-da-cidadania>>. Acesso em: 10. Agosto. 2015.

WIKIPÉDIA. TV Ponta Verde. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Ponta_Verde>. Acesso em:05.jul.2016.

WIKIPÉDIA1. Cícero Almeida. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero_Almeida>. Acesso em: 09 jul. 2015.

WIKIPÉDIA2. Geraldo Sampaio. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Geraldo_Sampaio>. Acesso em: 09 jul. 2015.

WIKIPÉDIA3. Grupo Hapvida. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Hapvida#Alagoas>. Acesso em: 02 ago. 2015.

WIKIPÉDIA4. Aqui Agora. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqui_Agora>. Acesso em: 2.mai.2016.

VARJÃO, S. **Violação de direitos na mídia brasileira**. Guia de monitoramento – Uma ferramenta prática para identificar violações de direito no campo da comunicação de massa. Brasília: ANDI, 2015.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Fome, solidariedade e ética: uma análise do discurso da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, p. 259-277, Aug. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16. Jul. 2016.